

## **Natureza, alimento e cores: arte, educação e agroecologia em ações com público**

DEBORA MARIA SANTIAGO

■ 359

Debora Maria Santiago é artista e professora adjunta no Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da UNESPAR, Campus Curitiba I - EMBAP. Mestre e doutora em Artes Visuais pelo PPGAV-UDESC na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Curitiba – PR, Brasil. E-mail [debora.santiago@unespar.edu.br](mailto:debora.santiago@unespar.edu.br)

Afiliação: UNESPAR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7041602013934981>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6720-3097>

## ■ RESUMO

O artigo apresenta a ação artística “Natureza, alimento e cores” realizada com o Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado, do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Lapa – PR, localizada no sul do Brasil, e em outros contextos que ocorreu. Buscou-se investigar como a ação com público pode ser intersectada e mobilizada por questões propostas pela obra de Paulo Freire, buscando compreender e problematizar os termos autonomia e participação referenciando a pedagogia crítica do autor. Ao aproximar os dois campos de conhecimento, a arte e a educação, a ação propõe uma experiência estética com a troca de saberes e atenção à agroecologia.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Arte, educação, agroecologia, autonomia, participação.

## ■ ABSTRACT

The article presents the artistic action “Nature, food and colors” carried out with the Collective of Women of the Contestado Settlement, of the Movement of Landless Rural Workers (MST), in Lapa – PR, located in the South of Brazil, and in other contexts that occurred. We sought to investigate how action with public can be intersected and mobilized by questions proposed by Paulo Freire’s work, seeking to understand and problematize the terms autonomy and participation referencing the author’s critical pedagogy. By bringing together the two fields of knowledge, art and education, the action proposes an aesthetic experience with the Exchange of knowledge and attention to agroecology.

360 ■

## ■ KEYWORDS

Art, education, agroecology, autonomy, participation.

## 1. Ações com público e participação

O presente artigo é parte da tese de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina e finalizada em 2020. A tese, cujo título é “Tudo junto e misturado: ações artísticas propondo processos educativos e modos de participação”, investigou ações artísticas por mim realizadas, e outras das quais participei, que propiciam a participação do público e propõem processos educativos e criativos permeados por uma atenção à natureza e aos cuidados para preservação de toda a vida ao redor na produção de alimento.

A aproximação dos campos da arte e da educação em projetos artísticos e práticas curatoriais que trabalham a pedagogia como meio vem sendo discutida, e alguns textos, publicações e pesquisas acadêmicas vêm trazendo contribuições acerca do termo virada educacional (*educational turn*). Nessas práticas, os processos educativos são disparados em ações, e em vez de objetos e instalações de arte, temos projetos integrados a pesquisas, vivências e oficinas, como aponta a pesquisadora de arte Claire Bishop (2007).

Aqui irei abordar a ação Natureza, alimento e cores que venho realizando desde 2018. Essa ação foi criada como consequência da aproximação com o Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado, do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), na Lapa/PR. Os encontros e discussões propiciados naquele momento fomentaram a realização dessa ação posteriormente em outras situações e locais. Nessa ação, o contato com grupos de pessoas que realizam, pesquisam e discutem a agroecologia também foram importantes tópicos para pensar a integração da agricultura com a natureza e a humanidade nesse cenário de crise global. Muitos dos sistemas agroalimentares, que dizem respeito a todos os processos relacionados à alimentação, desde a produção até o consumo, estão profundamente interligados com a mudança e degradação ecológica (BURIGO; VAZ; LONDRES, 2019).

A ação Natureza, alimento e cores, parte da minha experiência artística que vem sendo repensada pela prática docente, buscando propor processos educativos. O que ocorre nesses processos? Como promove-los nas ações com público?

Nas ações o convite à participação é feito com falas abertas a questionamentos, buscando promover a atenção a todo o processo e abertura às observações e à troca de saberes entre os/as participantes, num processo contínuo de ensino-aprendizagem e constante do sujeito sócio-histórico-cultural a que se refere Paulo Freire (1996). Para o autor, a natureza humana é inconclusa: “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.” (FREIRE, 1996, p. 58). Quando nos colocamos abertos/as ao diálogo, à escuta, nos percebemos buscando aprender, um saber fundante da prática educativa.

O propósito desse artigo é investigar como se deu a ação com o público nos diferentes contextos em que foi realizada, a necessidade de atenção à esse contexto, refletir sobre de que forma foi propiciada a participação e pensar pontos de contato entre os conceitos de participação e autonomia de Paulo Freire.

## 2. Natureza, alimento e cores, uma ação com o Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR

No mês de agosto de 2018, enquanto realizava os créditos do doutorado, participei de visitas de campo durante a disciplina Sistemas Agroalimentares e Soberania Alimentar, oferecida pela Profa. Dra. Islandia Bezerra<sup>1</sup> ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. As visitas ocorreram no Assentamento do Contestado, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Lapa/PR, onde está localizada a Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA); e também no Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA), uma fazenda agroecológica em Pinhais/PR, mantida pelo Governo do Estado, que promove e apoia ações de capacitação, pesquisa e ensino em produção orgânica e agroecológica. No folheto de divulgação, o Centro traz uma definição: “A agroecologia é uma ciência, um conjunto de saberes e práticas e também uma filosofia.”

Uma das origens da agroecologia como prática ocorre nos anos 1990 na América Latina. A agroecologia ajudou agricultores locais a melhorar suas práticas agrícolas indígenas como uma alternativa à agricultura com uso intensivo de químicos promovida por incorporações internacionais, a chamada Revolução Verde. Práticas como a conservação de recursos naturais, manejo adaptado à fertilidade do solo e conservação da agrobiodiversidade são a base prática para os diferentes movimentos agroecológicos na América Latina (WEZEL et al., 2009).

Essas abordagens puderam ser observadas já na primeira visita que fiz ao Assentamento Contestado, no município da Lapa. A Simone Aparecida Rezende, coordenadora pedagógica da ELAA, nos recebeu no espaço da Escola e contou um pouco a história do assentamento e do MST, das discussões realizadas no movimento no início dos anos 2000 sobre que tipo de agricultura os/as assentados/as acreditavam ser possível, principalmente o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), que trazia a necessidade de comida saudável e cuidado a todo sistema de produção. A agroecologia então tornou-se um discurso de desenvolvimento sustentável adotado pelo MST como parceiro de outras organizações da sociedade civil brasileira e latino-americana, e também com base em avaliações internas do movimento como resposta a um modelo de agricultura baseada numa concepção produtivista que gerou endividamento em muitos projetos de assentamento (DE'CARLI, apud CORREA, 2007).

Simone também nos apresentou o Projeto Político Pedagógico da ELAA<sup>2</sup>, elencado em três eixos – Pedagogia Socialista, Pedagogia Libertária de Paulo Freire e a Ecologia –, e seguiu a conversa contando sobre o dia a dia na Escola e nos outros espaços organizados dentro do Assentamento: as escolas municipal e estadual, que também atendem crianças da região; o Posto de Saúde, que integra práticas alternativas de fitoterapia e auriculoterapia realizadas pela dona Maria,

<sup>1</sup> A Profa. Dra. Islandia Bezerra na época era vinculada ao Departamento de Nutrição da UFPR e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, hoje é Professora Associada da Faculdade de Nutrição/FANUT da Universidade Federal de Alagoas/UFAL. É presidenta da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), gestão 2019-2021.

<sup>2</sup> A ELAA oferece os cursos de Tecnologia em Agroecologia, Licenciatura em Educação do Campo e Ciências da Natureza e Agroecologia, e funciona no sistema de alternância, ou seja, o/a estudante passa um período em sua comunidade e outro período na Escola. A página oficial da ELAA é <http://elaa.redelivre.org.br>.

também assentada, que, junto a outras mulheres, mantém a horta de plantas medicinais na parte externa; a Cooperativa Terra Livre; e o Centro Cultural Casarão, que tinha sido inaugurado há pouco tempo, pois os/as assentados/as reconheciam o direito à cultura, não só ao acesso mas também à produção. Visitamos o lote da família da Eliane e do Luiz, onde, assim como outras famílias do assentamento, eles têm realizado experiências com agrofloresta, uma prática agroecológica, ou seja, a produção de alimento de forma ecológica, e ainda recuperando e conservando a floresta.

Ressalta-se que o MST organiza-se no final dos anos 1970, como continuadores de lutas contra a mercantilização da terra. O Brasil é um dos maiores concentradores de terra e de grandes áreas improdutivas no mundo. No início dos anos 1980, momento de organização de vários sindicatos, partidos políticos progressistas e movimentos sociais no Brasil, o MST, um movimento camponês nacional, é fundado com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária popular e lutar por mudanças sociais no país. Na primeira visita que fiz ao Assentamento Contestado, na Lapa, percebi o processo de territorialização (FERNANDES, 2000) que acontecia ali, onde, com base na luta pela terra, vislumbraram-se novas conquistas e lutas por educação, saúde, moradia, segurança alimentar, igualdade de gênero e cultura, com o Centro Cultural que começava a formar-se.

No mesmo dia, visitamos o Centro Cultural Casarão, espaço cultural que vem sendo organizado pelo Movimento desde 2013, com a reforma e estruturação do casarão do século XIX, antiga residência do Barão dos Campos Gerais, que teve várias funções desde o início do Assentamento. Após a reforma do espaço, houve uma pré-inauguração, que ocorreu em 2018, com a I Escola de Arte do MST da Região Sul do Brasil, e algumas atividades estavam sendo realizadas, como apresentações de teatro e exibições de filmes.

Após a visita ao Centro, em conversa com a Sylviane Guilherme, coordenadora junto com a equipe de cultura, apresentei minha produção. Ela me fez o convite para uma exposição de desenhos em papel que venho realizando na técnica da aquarela, em que, impulsionada pela observação e escuta da natureza ao redor, são criadas imagens, e mais recentemente frases sobre agroecologia.

O convite me fez pensar sobre aquele contexto específico: seria a primeira exposição de artes visuais no espaço. Surgiram questionamentos sobre de que maneira poderia me aproximar da comunidade antes da exposição e o desejo de realizar uma ação artística também anterior à exposição. A Sylviane, depois de conversas com os grupos do Assentamento, sugeriu que a ação fosse realizada com quem se colocou aberto à proposta, o Coletivo de Mulheres do qual ela também faz parte.

Comecei então a me questionar sobre que ação artística poderia propor para aquelas mulheres e que diálogo poderia iniciar com elas. Fiz a proposta de uma ação com tintas naturais, um material presente e de fácil acesso no cotidiano das agricultoras. Na ELAA era possível ver, em uma das paredes externas da escola, um mural com a imagem de árvores realizado pelos/as estudantes com tintas naturais obtidas com diferentes solos. Pensei no cotidiano das mulheres, do

plântio ao preparado dos alimentos, e numa ação com tintas naturais extraídas de frutas, verduras e raízes. As cores que eu vinha observando enquanto cozinhava, absorvidas pelos dedos e ficando no fundo do prato, me levaram à pesquisa. Busquei receitas na internet, fiz alguns cursos e venho fazendo testes.

Para a ação Natureza, alimento e cores, que também deu nome à exposição, fizemos um convite digital e impresso que circulou no assentamento: “Vamos conversar sobre arte e criar juntas?”. A ação foi realizada em dois encontros com as agricultoras assentadas de diferentes faixas etárias, e algumas trouxeram os/as filhos/as, crianças e adolescentes que puderam acompanhar, pois as ações foram realizadas aos sábados na parte da tarde. Também participaram algumas alunas da Escola Latino Americana de Agroecologia. No primeiro encontro, levei algumas tintas já preparadas, além de pincéis e papéis. Expliquei como foram feitas, e numa conversa inicial de apresentação sugeri que, com o pincel, escrevessem seus nomes para experimentarem o material. Falei da técnica de aquarela, o cuidado com as pinceladas, a sobreposição de cores e a atenção à absorção da tinta pelo papel.

Ao ajudarem as crianças, as mães repassavam a elas o cuidado e atenção ao material, e as crianças se ajudavam entre elas também, num processo contínuo de ensino-aprendizagem e constante do sujeito sócio-histórico-cultural a que se refere Paulo Freire (1996). O envolvimento e a participação na ação deflagrou também o que o autor diz sobre o embaralhamento das relações de educador/a e educando/a: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2015, p. 96).

364 ■



Figuras 1 e 2. Natureza, alimento e cores. Ação com público com tintas naturais, realizada com o Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018. Fotografias da autora.

Depois pensamos nos temas presentes em seu dia a dia e palavras foram sendo pinceladas no papel. A agroecologia esteve presente por meio de frases e também em alguns desenhos que traziam imagens de alimentos produzidos, como a da abóbora e suas flores. A partir do conhecimento que tinham sobre os alimentos, suas formas e cores as mulheres foram ficando à vontade com as tintas. A maioria das imagens foi construída com base na memória das participantes, imagens e frases que refletem seu cotidiano no campo e reafirmam sua conexão com o meio ambiente.



Figuras 3 e 4. Desenhos/aquarelas realizados pelo Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018, na ação Natureza, alimento e cores. Fotografias da autora.

■ 365

Para o segundo encontro, pedi para as participantes que fizessem as tintas com o que encontrassem. Amora, cenoura, espinafre, açafrão e beterraba foram alguns alimentos da época por elas produzidos e utilizados; temas como reforma agrária, agroecologia e feminismo foram sendo reforçados nos desenhos/cartazes que foram expostos junto às aquarelas realizadas por mim anteriormente e que se aproximavam das discussões trazidas pelas participantes. Após a realização da ação, fizemos juntas a montagem da exposição, pensamos na disposição dos desenhos/aquarelas realizados com tintas naturais e nos meus desenhos realizados anteriormente, no cuidado da apresentação e informações necessárias para a recepção do público. Conversamos sobre a durabilidade das tintas naturais no papel e de possíveis mudanças que ocorreriam com os desenhos durante o período de exposição.

Durante a abertura da exposição, as tintas estavam dispostas sobre uma mesa com pincéis e papéis, para quem quisesse experimentar o material. Após a abertura, as tintas foram levadas pela Sandra, professora e assentada que participou da ação, que usou-as com seus/suas alunos/as e ainda levaram para a Feira de Ciências da região.



Figuras 5 e 6. Desenhos/aquarelas realizados pelo Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018, na ação Natureza, alimento e cores. Fotografias da autora.



Figuras 7 e 8. Vistas da exposição Natureza, alimento e cores com o Coletivo de Mulheres no Centro Cultural Casarão, Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018. Fotografias da autora.

O aspecto processual da ação artística que requer a participação dos diferentes agentes para a sua realização, e se desenvolve com base em experiências compartilhadas, aponta para as pesquisas em educação de Paulo Freire (1996), que enfatiza a importância de considerar e respeitar a autonomia do/a educando/a a quem o/a educador/a dirige seu programa. Respeitar a autonomia é respeitar os saberes do/a educando/a, é fazer discussões à partir da sua realidade concreta e possibilitar trocas entre os/as participantes do processo. Para Freire, o potencial transformador da educação é gerado quando o ser humano se percebe um ser inacabado e inconcluso, que seguirá em movimento permanente pela tomada de consciência ao se relacionar com o mundo, as pessoas se educam entre si (FREIRE, 2015) e o processo ensino-aprendizagem está em contínuo processo de autoformação, o/a “educador-educando com educando-educador”.

366 ■



Figura 9. Vista da exposição Natureza, alimento e cores com o Coletivo de Mulheres no Centro Cultural Casarão, Assentamento Contestado – MST, Lapa/PR, 2018. Fotografia Simone Landal.

A ação com o Coletivo de Mulheres buscou respeitar e também aprender com a dinâmica participativa do MST. O Assentamento comemorou seus 20 anos

em junho de 2019 e organiza-se com a participação efetiva de toda a comunidade. O aniversário foi comemorado com festa e abertura oficial do Centro Cultural. A atenção ao contexto onde a ação foi realizada (ARDENNE, 2002) e as relações humanas propiciadas nos encontros foram importantes para o contato com a comunidade. Desde a abertura da exposição, venho também contribuindo em outras atividades com o Coletivo, junto com outros/as artistas, como a I Festa do Divino do Contestado (maio de 2019), com as Caixas do Divino Espírito Santo de Curitiba, e Rodas de Bordado, dando continuidade às ações culturais do Centro Cultural Casarão.

### 3. Natureza, alimento e cores em outros contextos

A ação Natureza, alimento e cores também vem sendo realizada em outros contextos, proporcionando diferentes dinâmicas fundamentadas em uma atenção aos/às participantes e em questionamentos sobre que outras experiências artísticas a ação pode propiciar.

Para Paul Ardenne (2002), a possibilidade de uma experiência compartilhada se dá num contexto, ou seja, num conjunto de circunstâncias em que está inserido um fato. Assim, o contexto de exposição de uma proposta artística nem sempre é o do espaço museológico ou institucionalizado, mas onde se pretende estabelecer uma relação direta, seja na rua, no espaço urbano, na natureza, nos meios de comunicação, entre outros espaços. O desejo do encontro, da participação e envolvimento com o público traduz a vontade de atuar de maneira concreta na sociedade, em conexão direta com o real.

Em maio de 2019, a ação foi realizada junto à “Instalação Artística Pedagógica Itinerante<sup>3</sup> – aliMENTE-SE”, uma das atividades de extensão do Grupo de Pesquisa monGARU<sup>4</sup>, coordenado pela profa. Islandia e do qual comecei a fazer parte após cursar a disciplina mencionada anteriormente. Na instalação, é propiciada a construção de conhecimento de forma interdisciplinar, buscando-se socializar as diferentes narrativas relativas às experiências construídas na relação produção-consumo de alimentos. O espaço se apresenta numa estrutura montável/desmontável em bambu, Tecnologia Social<sup>5</sup> desenvolvida pela equipe do Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA), e nele são realizadas rodas de conversa, apresentações artísticas e distribuição de material informativo. Nessa metodologia o diálogo e a participação ativa são fundamentais no processo, e assim como nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, são indicativos de como os/as educadores/as poderão dar continuidade ao trabalho, mostrando-se aberta ao

<sup>3</sup> As Instalações Artísticas Pedagógicas vêm sendo usadas em universidades desde 2010, buscando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e têm sido uma estratégia para a construção coletiva e participativa de saberes agroecológicos. Já nos anos 1980 e 1990, foram usadas nos programas de formação da Central Única de Trabalhadores (CUT), tendo como referência o conceito de ambiente das instalações artísticas que se apresentam como dispositivos para reflexões sobre temas a serem discutidos. A partir de 2013, é incorporada às dinâmicas das Instalações Artísticas Pedagógicas a metodologia dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, onde todos, propositores/as e participantes das atividades realizadas, se posicionam em círculo e compartilham suas experiências e aprendizagens. (BARBOSA *et al.*, 2013)

<sup>4</sup> O objetivo principal do grupo foi desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão trabalhando os temas agroecologia, gênero e geração, soberania alimentar e cultura, enfocando comunidades camponesas, quilombolas, assentados, de povos originários e/ou outras em situação de vulnerabilidade social, econômica e alimentar.

<sup>5</sup> São experiências tecnológicas realizadas em interação com a comunidade e que visam, principalmente, buscar soluções para os problemas sociais.

processo de criação dos/das educadores/as. Essa prática também foi essencial para uma atenção ao modo como venho realizando as ações com público.

Na ocasião, a ação com tinta natural foi integrada a essas atividades e foi realizada com a Equipe em Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, formada por mulheres de diversas gerações. A coordenadora da equipe, por contato com o CPRA, buscou proporcionar ao seu grupo de trabalho uma discussão sobre agroecologia e feminismo que já vinha ocorrendo internamente.

A “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE” foi montada no hall do Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR. A estrutura de bambu foi montada pelo CPRA com material demonstrativo: uma maquete de galinheiro móvel, uma caixa com abelhas nativas mandaçaia, informativos sobre o CPRA e Educação em Direitos Humanos permaneceram durante todo o dia. Participantes do grupo de pesquisa e técnicos do CPRA receberam a comunidade universitária e a Equipe de Direitos Humanos com conversas informais.



Figuras 10 e 11. Vistas da “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, hall do Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR, Curitiba, 2019. Fotografias da autora.

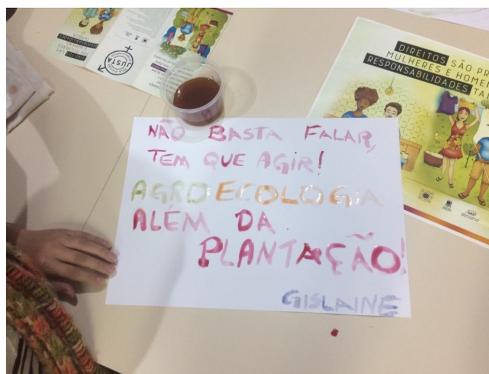
Num segundo momento, foi realizada uma roda de conversa com o tema “Agroecologia e feminismo”, com a participação de Manoela, agricultora e associada da Rede Ecovida de Agroecologia<sup>6</sup>. Os/as participantes comentaram sobre o material exposto na instalação e Manoela contou sobre sua experiência como agricultora e mãe num contexto de campo ainda muito marcado pelo machismo, relatando um caso de violência contra a mulher dentro da Rede e de como o núcleo reagiu ao fato. Questionou como podemos falar em agroecologia, em respeito à natureza, sem respeito às mulheres.

Após a roda de conversa, segui com a ação com as tintas naturais. Contei como as tinha preparado com água, falei um pouco sobre a técnica de aquarela e perguntei sobre as impressões da instalação e da conversa, sugerindo que iniciássemos as experimentações com base no que tínhamos observado. Algumas mulheres criaram novas frases sobre agroecologia e feminismo refletindo sobre a

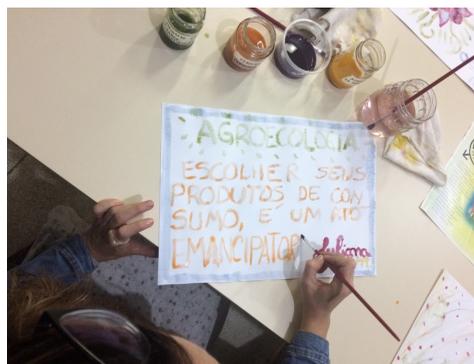
<sup>6</sup> A Rede Ecovida de Agroecologia se baseia na organização de famílias produtoras nos estados do sul do Brasil, que se articulam com consumidores formando núcleos e, num processo pedagógico, realizam a certificação participativa do produto orgânico. A página oficial da Rede é <http://ecovida.org.br>.

importância da escolha dos alimentos, as relações opressoras às mulheres, outras repetiram frases que tinham visto e outras ficaram à vontade pra criar imagens e experimentar o material.

A proposta de Instalação Artística Pedagógica proporcionou as discussões sobre as relações entre agroecologia e feminismo e a experiência artística com as tintas naturais, uma aprendizagem mútua construído a partir do respeito e atenção aos saberes compartilhados.



Figuras 12 e 13. Natureza, alimento e cores. Ação com público com tintas naturais, realizada “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR, Curitiba, 2019. Fotografias da autora.



Figuras 14 e 15. Natureza, alimento e cores. Ação com público com tintas naturais, realizada “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR, Curitiba, 2019. Fotografias da autora.

Cada uma pôde fazer um desenho/aquarela, depois os colocamos todos juntos, observamos o conjunto e conversamos sobre os resultados, outras possibilidades de tintas naturais e a experiência do processo.

Em outubro de 2019, a convite da Sylviane, do setor de cultura do MST, realizei a ação com as crianças do movimento no XIII Encontro dos Sem Terrinha do PR. O encontro foi organizado em três dias, com atividades diversas que englobam os direitos das crianças e adolescentes. Em uma das tardes, ocorreu a “Oficina de

Arte e Educação e atividades recreativas na dimensão da arte, cultura e educação”. Em conversa com a Sylviane, pensamos em como a ação poderia ser realizada com as crianças e adolescentes. Como explorar as características do material com eles/as? Então sugeri partirmos da obtenção das cores secundárias a partir das cores primárias preparadas com a beterraba (magenta), o açafraão-da-terra (amarelo) e o repolho roxo (azul).



370 ■

Figura 16. Participantes da ação Natureza, alimento e cores, realizada na “Instalação Artística Pedagógica Itinerante – aliMENTE-SE”, Campus de Engenharia Florestal e Ciências da Madeira da UFPR, Curitiba, 2019. Fotografia Ivo Melão.

No dia do encontro, realizado no clube campestre de um sindicato, as crianças e adolescentes que já tinham escolhido anteriormente entre as atividades de dança, música, jogos e brincadeiras, confecção de brinquedos alternativos, artes cênicas (teatro), artes plásticas, leitura e contação de história, entre outras, foram reunidas em grupos. Meu grupo se acomodou numa churrasqueira externa e, após nos apresentarmos, mostrei as plantas, os papéis e os pincéis que iríamos usar. Alguns/mas não conheciam o açafraão-da-terra, mas estavam curiosos/as. Que cores poderiam surgir no papel?



Figuras 17 e 18. Natureza, alimento e cores. Ação com público com tintas naturais, realizada no XIII Encontro dos Sem Terrinha do PR, Curitiba, 2019. Fotografias da autora.

Juntos preparamos as tintas e logo começaram as experimentações em papel. Falei das misturas entre as cores, que logo foram sendo realizadas por eles/as nos desenhos com os mais diversos temas. As crianças e adolescentes também se interessaram pelos outros alimentos que levei. Usamos salsinha e cenoura para obtenção do verde e do laranja e mais misturas foram feitas. Enquanto os desenhos secavam, conversávamos sobre a experiência, alguns/mas questionaram a durabilidade do material e também foram surgindo ideias de outras plantas que conheciam e poderiam ser experimentadas.



Figuras 19 e 20. Natureza, alimento e cores. Ação com público com tintas naturais, realizada no XIII Encontro dos Sem Terrinha do PR, Curitiba, 2019. Fotografias da autora.

No início do ano de 2020, também fui convidada pela AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia<sup>7</sup> para realizar a ação Natureza, alimento e cores com as merendeiras de escolas públicas de São João do Triunfo/PR. O município inaugurou recentemente sua Unidade Agroindustrial de Beneficiamento do Milho Crioulo Ecológico, livre de transgênicos, importante conquista de várias organizações da sociedade civil para o fortalecimento da agricultura familiar e a conservação da agrobiodiversidade na região. A quirera, o fubá e a canjica lá beneficiados a partir das sementes crioulas chegam também na merenda escolar<sup>8</sup>.

A ação ocorreu no início de fevereiro, antes do início das aulas, e esteve ligada a outras atividades, que envolveram as merendeiras e a nutricionista das escolas, os agricultores fornecedores dos alimentos e a equipe da AS-PTA, que propôs dinâmicas para as conversas no sentido de constituir um espaço de aprendizado coletivo.

Como poderia propiciar uma experiência artística para aquele grupo de mulheres? Durante a conversa, me chamou a atenção quando as merendeiras

<sup>7</sup> Associação de direito civil sem fins lucrativos que atua para o fortalecimento da agricultura familiar e promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A página oficial da AS-PTA é <http://aspta.org.br>.

<sup>8</sup> A Unidade participa do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), lei que garante alimentação escolar para todos/as os/as alunos/as da educação básica pública e tornou obrigatória a destinação de, no mínimo, 30% dos recursos repassados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para os estados e municípios para a compra direta da agricultura familiar. Infelizmente violações na execução do PNAE vem acontecendo em vários municípios brasileiros. E agora durante a pandemia isso se tornou ainda mais comum com as aulas presenciais suspensas, muitos gestores ignoram a Lei 13.987/20 que garante a distribuição da alimentação escolar às famílias dos estudantes.

falaram dos pães e massas coloridas que prepararam, e que não foram bem aceitos pelas crianças e adolescentes das escolas. Iniciei a ação fazendo aproximações entre o tingimento das massas, perguntei como faziam as cores das massas, quais alimentos usavam, falei do uso das tintas naturais para desenhos/aquarelas em papel e preparamos juntas as tintas.



Figuras 21 e 22. Roda de conversa com as merendeiras, os agricultores e a nutricionista de escolas públicas de São João do Triunfo/PR e equipe da AS-PTA, 2020. Fotografias da autora.

372 ■

Para uma aproximação com o uso dos pincéis, uma novidade para a maioria, sugeri que iniciassem escrevendo as palavras escolhidas durante a conversa inicial sobre o que significava para elas cozinhar. As tintas então foram sendo experimentadas, e além das palavras algumas imagens também foram sendo criadas, num misto de surpresa e alegria. Finalizamos a atividade reunindo os desenhos, observando as cores obtidas e os desenhos e aquarelas.



Figuras 23 e 24. Natureza, alimento e cores. realizada com as merendeiras, os agricultores e a nutricionista de escolas públicas de São João do Triunfo/PR e equipe da AS-PTA, São João do Triunfo/PR, 2020. Fotografias da autora.



Figuras 25 e 26. Natureza, alimento e cores. realizada com as merendeiras, os agricultores e a nutricionista de escolas públicas de São João do Triunfo/PR e equipe da AS-PTA, São João do Triunfo/PR, 2020. Fotografias da autora.

#### 4. Considerações finais

■ 373

A ação Natureza, alimento e cores possui um aspecto processual e busca aliar experiência estética e troca de saberes entre os/as participantes. As experiências vivenciadas durante o processo de realização, em diferentes contextos, são também parte do aprendizado para pensar as próprias ações.

A aproximação com a obra de Paulo Freire, propiciada pela atividade docente, foi fundamental para refletir sobre a minha atuação. “Ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 47), é estar atento/a para promover sua construção envolvendo todos/as participantes do processo. Essas ideias também contribuem para uma atenção às práticas artísticas em que o processo educativo é parte constituinte. A participação do público nas ações artísticas é indispensável para sua realização, são conhecimentos e práticas sobre tintas com pigmentos naturais e conceitos de agroecologia que são compartilhados como troca de saberes, sendo esse processo que possibilita aprendizado consoante com o sentido dado por Paulo Freire à participação em sua concepção de “educação libertadora”.

A aproximação com agricultores/as e profissionais ligados à agroecologia, e os encontros no Centro Cultural Casarão do MST foram fundamentais para trazer a discussão da agroecologia para o campo das artes. Assim, o tema da produção e consumo de comida foi trazido para as ações, que, junto com a experiência na docência, vem pensando modos de participação e trocas de saberes, buscando explorar relações entre alimento, cultura, gênero, resiliência e resistência.

#### Referências

ARDENNE, Paul. **Un art contextue**: création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation. Paris: Flammarion, 2002.

BISHOP, Claire. The New Masters of Liberal Arts: Artists Rewrite the Rules of Pedagogy, 2007. In: ALLEN,

Felicity (Ed.). **Education. Whitechapel**: Documents of contemporary art. Londres: Whitechapel Gallery; Cambridge: The MIT Press, 2011, p. 197-201.

BÚRIGO, André Campos et al. (Org.). **Caderno de estudos**: saúde e agroecologia. Rio de Janeiro: Fiocruz/ANA/ABA-Agroecologia, 2019. v. 1.

DE'CARLI, Caetano. O discurso político da agroecologia no MST: o caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 100, p. 105-130, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/5245>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

FERNANDES, B. M. (2000). **O MST e a luta pela reforma agrária no Brasil**. Observatório Social de America Latina, Buenos Aires. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/105/O%20MST%20e%20a%20luta%20pela%20reforma%20agr%C3%A1ria%20no%20Brasil.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

374 ■

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, v. 29, n. 4, p. 503-515, 2009. Disponível em: <<https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/wezel-agroecology.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Recebido em 14/05/2021 - Aprovado em 21/09/2021

Como citar:

SANTIAGO, D. Natureza, alimento e cores: arte, educação e agroecologia em ações com público. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 359-374. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61054>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.